

VOZES D'ÁFRICA

ROSA, Victória Mayara¹

ZARDO, Noiara Paim²

Durante todo o processo de colonização mundial, o negro vem sendo explorado e subjugado, o que resultou em inúmeras marcas sociais. O Processo de abolição da escravatura no Brasil se deu de forma gradual no reinado da princesa Isabel e finalizou-se em meados do século XIX. O objetivo desse trabalho é analisar o poema Vozes d'África do escritor Castro Alves que recebeu o título de "O poeta dos escravos" exatamente por abordar essa temática em diversas obras. O poema Vozes d'África remete a esse grito da própria mãe África diante das situações vividas por seus filhos, ou seja, os africanos e seus descendentes. Castro Alves viveu durante a terceira fase do Romantismo, na década de 90, e produziu um grande acervo literário como forma de denúncia social na qual chamou a atenção de todos para os problemas sociais e as discriminações sentidas pelos negros no Brasil. Primeiramente realizei uma pesquisa sobre a identidade do negro no Brasil e então comentei sobre a vida e obras de Alves para enfim realizar de fato a análise do poema.

Palavras-chaves: O poeta dos escravos; Escravidão; África.

1. INTRODUÇÃO

Castro Alves participou da terceira fase do Romantismo Brasileiro e acabou se tornando um dos maiores escritores da época, ficou conhecido como "O poeta dos Escravos" ao sensibilizar-se com a situação dos negros no Brasil. Juntou-se ao movimento pró-abolicionista com a firme determinação de acabar com aquela situação revoltante. Através dos seus poemas levou diversos leitores a juntar-se à causa, seus poemas retratam a realidade do negro escravo no Brasil e chama a atenção para a injustiça que era aquela prática. Levados pela ganância e falta de mão de obra os portugueses começaram a traficar escravos da África com o objetivo de colonizar a América, Alves descreveu em seu poema "Vozes d'África" como a pátria mãe África se sentia com aquela situação ao visualizar seus filhos sendo tirados do seu leito e sendo subjugados e escravizados. O presente artigo volta-se para a análise desse poema detalhadamente com o propósito de compreender nas entrelinhas todas as informações que o autor quis nos passar. Foi realizada ainda uma breve contextualização sobre a identidade do negro no Brasil e a vida e obras desse grande autor que foi Castro Alves.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

¹Aluna do curso de graduação em Letras, Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. 6º período. E-mail: vick-maya@hotmail.com

²Especialista em Literatura Professora Orientadora docente do Curso de Letras do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. E-mail: noiara@fag.edu.br

2.1 A IDENTIDADE DO NEGRO NO BRASIL

A escravidão é uma forma de trabalho forçado em que as liberdades individuais não existem. O escravo é aquele que se sujeita ou tende a se sujeitar a um poder arbitrário. E o escravocrata é aquele que torna outros seus servos por meio da força. E as ações de preconceito e dominação de uma raça a outra são geradas pelo sentimento de superioridade. As relações étnico-raciais são geradas historicamente pela construção de representações sociais. Como diz Stuart Hall,

A representação é o processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para instituir significados. Essa definição carrega uma premissa: as coisas, os objetos, os eventos do mundo não têm, neles mesmos, qualquer sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós, em sociedade, entre culturas humanas, que atribuímos sentidos às coisas. Os sentidos, conseqüentemente, sempre mudarão de uma cultura para outra e de uma época para outra (HALL, 1997, p. 61).

Todos os grupos sociais transitam na sociedade gerando suas representações por meio de sentidos e conseqüências. Entretanto, alguns grupos ganham maior visibilidade e passam a ser considerados padrões da realidade social. Na sociedade brasileira, como em muitas outras, as representações que prevaleceram foram construídas mediante uma ótica de "normalidade" e "anormalidade", estabelecendo assim como padrão o homem, branco, heterossexual e cristão.

A objetificação dos negros africanos e seus descendentes teve como resultado anos de escravidão e submissão de um povo. Porém, é importante ressaltar que antes da chegada dos europeus à África já existia a escravidão, de uma forma diferente como prisioneiros de guerra. Porém, ela só se tornou algo lucrativo quando os europeus começaram a traficar esses escravos.

Desde os tempos mais antigos, alguns homens escravizaram outros homens, que não eram vistos como seus semelhantes, mas sim como inimigos e inferiores. A maior fonte de escravos sempre foram as guerras, com os prisioneiros sendo postos a trabalhar ou sendo vendidos pelos vencedores. Mas um homem podia perder seus direitos de membro da sociedade por outros motivos, como a condenação por transgressão e crimes cometidos, impossibilidade de pagar dívidas, ou mesmo de sobreviver independentemente por falta de recursos. [...] A escravidão existiu em muitas sociedades africanas bem antes de os europeus começarem a traficar escravos pelo oceano Atlântico" (SOUZA, 2006, p. 47 apud MOCELLIN; CARMARGO, 2010, p. 174).

Guiados pela escassez de mão de obra durante a colonização de novos continentes, os europeus decidiram importar escravos. Esses escravos eram traficados de forma desumana, como retrata Alves em sua obra "O Navio Negroiro".

O poeta descreve a cena que observa através dos olhos de um albatroz, cena essa que se passa no convés de um navio: uma multidão de negros, mulheres, velhos e crianças, todos presos uns aos outros, dançam enquanto são chicoteados pelos marinheiros. É importante ressaltar que

Navio Negreiro foi escrito em 1868, época em que o tráfico de escravos já era proibido no Brasil, promulgado através da Lei Eusébio de Queiroz, de 1850. Porém, acontecia ilegalmente ainda o tráfico desses escravos e a escravidão e seus feitos desumanos ainda persistiam fortemente. É para denunciar essa condição miserável dos escravos que o poeta descreve o drama enfrentado pelos negros durante a travessia da África para o Brasil.

A média de escravos nesses navios era de 440 pessoas. A viagem durava geralmente 43 dias, caso a viagem partisse do centro sul da África. Nos porões dos navios, a falta de alimentação, o amontoado de pessoas, o calor e a exposição dos corpos àquela situação degradante, fizeram com que se disseminassem diversas doenças, o que resultava em muitas mortes.

No Brasil, a escravidão foi implantada pela coroa portuguesa e apoiada pelo sistema jurídico, pela Igreja e pelos latifundiários e resultou num processo de longa duração que só veio a ter fim em 1888 com a homologação da Lei Áurea. A escravidão brasileira difere da escravidão antiga e da servidão medieval, dado que foi legalmente permitida por diversos motivos, entre eles a questão econômica e a suposição de superioridade étnica. Embora tenha sido abolida a escravidão, continua a discriminação. A rotulação do negro é uma tentativa de aprisioná-lo a um lugar social que lhe impõe características de desacreditado. Ou seja, na relação social, a marca que lhe é facultada faz recair sobre ele um julgamento de descrédito que o impede de ser percebido na sua totalidade de forma individual.

2.2 O POETA DOS ESCRAVOS

Castro Alves apresentou uma forte crítica social ao levantar questões a respeito da forma como os escravos eram tratados no Brasil. O autor ainda apontou questões deveras importantes a respeito de como as leis abolicionistas na prática não estavam sendo seguidas. Castro Alves tinha uma mãe-preta e babá, chamada Leopoldina, a mulata contava ao menino “as coisas da escravidão, com tanta tristeza, com tanta amargura, com tanto detalhe de causar dó”. (Neto, 1972). Foi através dela que o escritor conheceu a realidade da gente negra que vivia no Brasil.

A mucama Leopoldina foi, no entender de todos os biógrafos de Castro Alves, quem primeiro lhe embalou o espírito com as lendas da escravidão, quem o ensinou desde menino a escutar as batidas do próprio coração vibrando na revolta de ver tratados como cães famintos, retalhados a chicote, os homens que pertenciam à mesma raça da negra que lhe deu o peito e lhe emprestou à imaginação paisagens geográficas e humanas que nunca sonharia. Dessa negra humilde Castro Alves recebeu o leite que lhe daria a força vital, e, nas histórias e cantigas que lhe ouviu, a caudal luminosa da inspiração poética de Os Escravos (NETO, 1972).

Já na tenra idade, em 1863 escreve seu primeiro poema "A canção do africano" e inicia então uma longa jornada de obras literárias com cunho social. O Autor também produziu obras extremamente românticas características dessa terceira fase do Romantismo Brasileiro. Porém, foi na questão social que se destacou, pois fora capaz de compreender as dificuldades dos negros escravizados e manifestou toda sua sensibilidade ao escrever versos de protesto contra essa situação. Para tanto ficou conhecido como o Poeta dos escravos, justamente por escrever diversas obras as quais mostram sua indignação diante da escravidão. Castro Alves desempenhou um papel questionador da sociedade com a literatura, atingindo, assim, a camada social mais elitizada que tinha acesso aos seus textos. Revelou e abalou valores até então admitidos como incontestáveis e irrefutáveis, assumindo status de resistência.

Sobre Castro Alves, a Academia Brasileira diz:

Enquanto poeta social, extremamente sensível às inspirações revolucionárias e liberais do século XIX, Castro Alves, na linhagem de Victor Hugo, um dos seus mestres, viveu com intensidade os grandes episódios históricos do seu tempo e foi, no Brasil, o anunciador da Abolição e da República, devotando-se apaixonadamente à causa abolicionista, o que lhe valeu a antonomásia de "Cantor dos escravos".

Victor Hugo foi um dos grandes influenciadores de Castro Alves, tanto que a terceira fase do romantismo ficou conhecida como "geração condoreira", que remete ao condor, uma ave que, voando muito alto, representa o desejo de renovação da sociedade brasileira.

2.3 POEMA "VOZES D'ÁFRICA"

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?...

Qual Prometeu tu me amarraste um
dia Do deserto na rubra penedia
— Infinito: galé!...
Por abutre — me deste o sol candente, E a terra de Suez — foi a corrente
Que me ligaste ao pé...

O cavalo estafado do Beduíno
Sob a vergasta tomba ressupino
E morre no areal.
Minha garupa sangra, a dor poreja,
Quando o chicote do simoun dardeja
O teu braço eternal.

Minhas irmãs são belas, são ditosas...

Dorme a Ásia nas sombras voluptuosas
Dos haréns do Sultão.
Ou no dorso dos brancos elefantes
Embala-se coberta de brilhantes
Nas plagas do Hindustão.

Por tenda tem os cimos do Himalaia...
Ganges amoroso beija a praia Coberta de corais ...
A brisa de Misora o céu inflama;
E ela dorme nos templos do Deus Brama,
— Pagodes colossais...

A Europa é sempre Europa, a gloriosa!...
A mulher deslumbrante e caprichosa,
Rainha e cortesã.
Artista—corta o mármore de Carrara; Poetisa—tange os hinos de Ferrara, No
glorioso afã!...

Sempre a láurea lhe cabe no litígio...
Ora uma c'roa, ora o barrete frígio Enflora-lhe a cerviz.
Universo após ela — doudo amante Segue cativo o passo delirante
Da grande meretriz.

Mas eu, Senhor!... Eu triste abandonada
Em meio das areias esgarrada,
Perdida marcho em vão!
Se choro... bebe o pranto a areia ardente;
talvez... p'ra que meu pranto, ó Deus clemente!
Não descubras no chão...

E nem tenho uma sombra de floresta...
Para cobrir-me nem um templo resta
No solo abrasador...
Quando subo às Pirâmides do
Egito
Embalde aos quatro céus chorando grito:
"Abriga-me, Senhor!..."

Como o profeta em cinza a fronte envolve,
Velo a cabeça no areal que volve
O siroco feroz...
Quando eu passo no Saara amortalhada...
Ai! dizem: "Lá vai África embuçada No seu branco albornoz... "

Nem vêem que o deserto é meu sudário,
Que o silêncio campeia solitário
Por sobre o peito meu.
Lá no solo onde o cardo apenas medra
Boceja a Esfinge colossal de pedra Fitando o morno céu.

De Tebas nas colunas derrocadas As cegonhas espiam debruçadas
O horizonte sem fim ...
Onde branqueia a caravana errante, E o camelo monótono, arquejante Que
desce de Efraim

Não basta inda de dor, ó Deus terrível?!

É, pois, teu peito eterno, inexaurível De vingança e rancor?...
E que é que fiz, Senhor? que torvo crime
Eu cometi jamais que assim me oprime
Teu gládio vingador?

Foi depois do dilúvio... um viadante, Negro, sombrio, pálido, arquejante,
Descia do Arará...
E eu disse ao peregrino fulminado: "Cam! ...serás meu esposo bem-amado...
— Serei tua Eloá. . .

" Desde este dia o vento da desgraça
Por meus cabelos ululando passa
O anátema cruel.
As tribos erram do areal nas vagas, E o nômade faminto corta as plagas No
rápido corcel.

Vi a ciência desertar do Egito...
Vi meu povo seguir
— Judeu maldito
— Trilho de perdição.
Depois vi minha prole desgraçada Pelas garras d'Europa —arreatada —
Amestrado falcão! ...

Cristo! embalde morreste sobre um monte
Teu sangue não lavou de minha fronte
A mancha original.
Ainda hoje são, por fado adverso,
Meus filhos — alimária do universo, Eu — pasto universal...

Hoje em meu sangue a América se nutre
Condor que transformara-se em abutre,
Ave da escravidão,
Ela juntou-se às mais... irmã traidora
Qual de José os vis irmãos outrora Venderam seu irmão.

Basta, Senhor! De teu potente braço Role através dos astros e do espaço
Perdão p'ra os crimes meus!
Há dois mil anos eu soluço um grito...
escuta o brado meu lá no infinito, Meu Deus! Senhor, meu Deus!!...
(ALVES, 1868)

3. METODOLOGIA

3.1 ANÁLISE DO POEMA

O eu-lírico desse poema é o continente africano, que representado como a nação-mãe, clama a Deus pelos seus filhos, que foram subjugados e escravizados, forçados a deixar o seu leito. Assim é apresentada toda a injustiça decorrente dessa cultura de aprisionamento e escravidão do negro. O escritor apresenta o lado aflito da África ao mesmo tempo em que suplica a presença e a bondade de Deus e tenta compreender os

motivos de tanto sofrimento. Logo no início o eu lírico, por ser criação divina, toma para si as palavras ditas por Jesus Cristo, há dois mil anos, na tentativa de por Ele ser ouvido. "Às três horas da tarde, Jesus gritou bem alto: - "Eli, Eli, lemá sabactani?". Essas palavras querem dizer: " Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" (Mateus 27:46). O autor escreveu suas obras reportando as suas experiências, ou seja, seu olhar católico determinou os rumos de seus versos. Sobre isso Lima diz,

No poema *‘Vozes D’África’* o negro inequivocamente aparece como vítima e a África personificada (eu poético) desespera-se pedindo perdão pelos seus crimes. Ora, que crimes? Por que esta postura de resignação? Por que clamar por perdão de Deus? Por que mencionar Cristo? Todos os referenciais apontados falam de um olhar do autor, um olhar católico, advindo do referencial europeu dominante em sua época. Por esta razão, aduzimos outrora que o escritor fala de seu lugar de conforto mesmo quando age em protesto. Tal postura, muito esclarece a lógica presente por trás da História da África até então. (LIMA, 2012, p.9)

Na segunda estrofe, o poeta faz referência ao mito de Prometeu, o irmão de Atlas que quis roubar o fogo sagrado de Zeus para dá-lo aos homens e, por isso, foi acorrentado no Cáucaso, onde diariamente, vinha um abutre e lhe comia o fígado que, em seguida, renascia. Prometeu aparece como o símbolo do sofrimento incessante, daí a comparação do mito grego com a África, aquela para quem o sofrimento é eterno. No poema o abutre, que castiga Prometeu, é comparado ao sol ardente que diariamente surge para castigar o continente.

O poeta faz ainda uma metáfora como o cavalo fatigado no deserto sob o chicote vem ao chão e morre no deserto, assim também as costas da África sangram de dor quando o chicote do vento forte e seco do Sahara lança seu braço eternal, ou seja, sopra seu vento matando e enterrando tudo que encontra.

Ao clamar a Deus, a África expõe sua realidade e se compara a suas irmãs, no caso os outros continentes vizinhos, indagando o porquê do seu sofrimento em relação à Ásia e à Europa. Segue o poema em que a África se compara diversas vezes com suas irmãs, expondo assim os seus infortúnios. Nesse contexto, as referências vão desde belos lugares em outros continentes (os cumes do Himalaia, o rio Ganges, a cidade de Carrara, etc.) como também a suas culturas (os haréns do Sultão, o deus Brama, o mármore de Carrara, a glória das batalhas da Europa em conquistar outros continentes

etc.) Essas referências são usadas para valorizar as qualidades de suas irmãs e expor as suas dificuldades e atribulações.

O poema também faz diversas referências bíblicas, primeiramente no 13º verso ao fazer uma alusão a Noé, que após o dilúvio, ancora no monte Ararat e a seu filho Cam, que teria sido o ancestral do povo negro. Em seguida faz referência ainda a José filho de Jacó que fora vendido por seu irmão como escravo, comparando o destino dele com o dos filhos da mãe África que também foram vendidos como escravos pelos seus próprios irmãos, pelos outros continentes que se alimentaram da escravidão. O autor ainda faz uma retomada à crucificação de Cristo, pois para a África esse sacrifício teria sido inútil, uma vez que seu pecado parece não ter sido lavado pelo sangue de Cristo, tendo em vista que ela continua a sofrer.

Percebe-se também que o autor utiliza-se de diversas metáforas e comparações. Algumas palavras africanas (—galé, —simum) são utilizadas para enriquecer o texto (estrangeirismos), afinal, o eu lírico é a própria África. Há rimas e são utilizadas exclamações, interrogações e vocativos, que indicam exaltação (—Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes?) para dar sonoridade ao poema. As reticências dão um tom de melancolia (—Há dois mil anos eu soluço um grito...).

O autor foi fortemente influenciado por Victor Hugo, escritor francês da grande obra universal "Os Miseráveis" ao fazer menção ao Condor, uma ave que é símbolo da liberdade que voa alto nos picos dos Andes. A terceira fase do Romantismo acaba sendo conhecida também como "Condoreira" exatamente pela defesa da liberdade realizada por diversos poetas, entre eles Castro Alves. O autor ainda comenta sobre como a América se corrompeu tornando suas práticas parecidas com a da Europa.

Em vozes D'África, Castro Alves impingiu os acentos da poesia épica ao exprimir a dor de todo um continente. O poema é uma alegoria do pungente destino da raça africana, vista não simplesmente através de um navio carregado de negros, mas através da própria África, enquanto continente. Os versos são doces prosopopeias em que a África mesma narra suas desgraças, lamenta o seu destino e implora a misericórdia divina, pelas vozes do eu lírico, que coloca, metonimicamente, todos os africanos, pela sua singularização em Nação, a se queixarem a Deus pela sua desventura, pela tristeza de ver seus conterrâneos arrebatados do solo pátrio para serem escravizados e lançados ao desamparo. Posso dizer que é a súplica africana uma espécie de soberba apóstrofe do continente escravizado, a implorar justiça de Deus. Os versos, em linguagem figurada, são a expressão da

indignação do poeta que via que o Novo Mundo, estava “talhado para as grandezas, para crescer, criar, subir” e que a América, que conquistara a liberdade com formidável heroísmo, contribuía para aumentar mancha do mesmo crime cometido pela Europa. (SOUZA, 2011)

Perdurou-se a opressão vivida pela África, escrava e submissa das mentes mundanas, por muito tempo. As visões e ações preconceituosas na nossa sociedade são fatores indicativos do como a escravidão deixou sequelas indestrutíveis e de que muito devemos ao continente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escravidão foi um processo que durou um longo tempo no Brasil e apesar da abolição ter sido efetiva ainda resta uma herança de discriminação em nossa sociedade. Castro Alves viveu a fase do início da abolição e sensibilizou-se com o que viu, mesmo que aquilo não lhe afetasse diretamente, afinal não era negro, ele se posicionou a favor da causa e escreveu belíssimos poemas que tinham por finalidade levar outros a perceber essas injustiças. Analisando detalhadamente o poema "Vozes d'África" é possível notar a rica presença de metáforas e comparações e diversas informações veladas, nas quais o autor quis chamar a atenção de seus leitores para aquela situação, tentando assim impactar esses leitores guiando-os a juntar-se à causa da abolição.

REFERÊNCIAS

ALVES, Castro. **Vozes da África**. In: Poesia. Rio de Janeiro: Agir, 1977.

HALL, Stuart. **The Work of Representation**. In: _____. Representation, Cultural Representations and Signifying Practices. Londres/Nova Deli: Thousands Oaks/Sage, 1997, p. 61.

LIMA, Carolina Carneiro. **O negro e o romantismo brasileiro**. 1. Ed. - São Paulo: Atual, 1988.

NINA, Carlos Homero Vieira. **Escravidão, ontem e hoje: aspectos jurídicos e econômicos**. Brasília: ISBN, 2010.

RIBEIRO NETO, Oliveira (1972) **“Castro Alves, poeta dos escravos”**. In: Castro Alves (1972) Os Escravos. São Paulo, Livraria Martins Editora.

SOUZA, Marina de Melo e. **África e Brasil africano**. In: CAMARGO, Rosiane de; MOCELLIN, Renato. História em debate. Volume 2. Ensino Médio. São Paulo: Editora do Brasil, 2010, p. 174.

SOUZA, Maria Enísia Soares de. **Atitudes da Poética Afro-Brasileira. Multisaberes**. Rondônia (UAB/UNIR), Primeira edição, ano1, nº 1, março de 2011.

Uma visão histórica do poema “vozes d’áfrica” de Castro Alves. In: Igualitária: Revista do Curso de História da Estácio BH ISSN - Belo Horizonte, Vol.1, n.1, jul-dez 2012: Gerais: Memória, Identidade e Patrimônio.

_____, Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em:< <http://www.academia.org.br/>> Acesso em: 16 maio. 2019.